

CAPITAL SOCIAL E COMUNIDADE DE PESCADORES ARTESANAIS

RETIELE VELLAR¹; DÉCIO COTRIM²;
MÁRIO CONILL GOMES³

¹Universidade Federal de Pelotas – retielevellar@hotmail.com

² Departamento de Ciências Sociais Agrárias - Universidade Federal de Pelotas –
deciocotrim@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – mconill@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

No contexto sociológico assim como no dia a dia o conceito de capital social tem sido muito utilizado nos últimos anos, como se fosse à solução para todos os problemas encontrados na sociedade civil (PORTES, 2000). Desde os primórdios dos estudos, o conceito de capital social evoluiu para diferentes abordagens sofrendo várias derivações, sendo hoje utilizado para analisar tanto a sociedade civil em comunidades, como associações e cooperativas e até mesmo mais recentemente o terceiro setor (organizações sem fins lucrativos) (TODOLO, 2017).

O Capital Social embora difícil de ser mensurado vem sendo observado pelas ciências sociais e econômicas como um fator essencial para o desenvolvimento humano e econômico de comunidades.

COLEMAN (1990) em seus estudos analisa a existência de capital social em determinados casos, considerando as características histórico-culturais de cada ambiente e quanto esse causa resultados positivos ou negativos no contexto específico.

Das diferentes realidades sociais, salientam-se as comunidades de pescadores artesanais nas quais baseiam sua economia na pesca artesanal, se caracterizam por serem uma atividade extrativa fortemente regulada pelas leis ambientais (DECKER, 2016).

Assim como na agricultura os pescadores artesanais estão vulneráveis as intempéries climáticas e a sazonalidade, sujeitos a variações de produtividade a cada ano, portanto não havendo uma uniformidade na geração de renda. Na pesca artesanal os pescadores são proprietários de seus meios de produção, realizam a captura por conta própria, inexistindo a relação de emprego ou subordinação, nem rotina diárias com horários definidos (SILVA et al, 2009). A comercialização de sua produção também é realizada pelos pescadores ou algum membro da família e por tal podem ser categorizados como camponeses ou agricultores familiares, visto que a mão-de-obra envolvida na atividade provem essencialmente da família (DIEGUES, 1983).

É um modo de produção não essencialmente capitalista inserida em uma estrutura de mercado dominada pela lógica do capital (SACCO DOS ANJOS et al, 2004).

As regiões onde estão situadas essas comunidades vem sofrendo a longos anos com problemas ambientais, como poluição e contaminação da água, dentre outros fatores que vem impactando significativamente na redução da quantidade de peixes disponível. Diante desses fatos tais comunidades se configuram com dificuldades econômicas, sendo essencialmente pouco desenvolvidas e algumas delas apresentam situações de pobreza em parte de seus moradores (DECKER, 2016).

Na tentativa de explicar as assimetrias de desempenho entre diferentes tipos de formações sociais PUTNAM (2000) identifica como elemento fundamental o “capital social”, sendo essencial no caráter endógeno do desenvolvimento, demonstrando que “os estoques de capital social, como confiança, normas e sistemas de participação tendem a ser cumulativos e a reforçar-se mutuamente” (PUTNAM, 2000 p.186).

Neste sentido entender as relações sociais passa a ser fator fundamental para compreender os aspectos relacionados à difusão de associações e comunidades com membros de objetivos comuns.

FUKUYAMA (1996) reforça a abordagem de Putnam, quando coloca que a confiança através de seus aspectos culturais, caracterizada pelos hábitos e tradições de determinadas comunidades resultam em consequências positivas ou negativas de um grupo de indivíduos, salientando que o nível de confiança de uma sociedade é o que estabelece a capacidade de competir.

Diante dessa abordagem do “desenvolvimento em comunidades” e direcionando para regiões de pescadores artesanais, este estudo objetiva responder: “Quais conceitos de capital social melhor podem analisar as comunidades de pescadores artesanais?”.

2. METODOLOGIA

O presente trabalho utilizou de metodologia de revisão bibliográfica, com ênfase nos diversos referenciais teóricos publicados com o objetivo de levantar informações e conhecimentos prévios sobre a questão a qual se pretende responder.

A pesquisa bibliográfica foi realizada a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos. As fontes pesquisadas foram livros, artigos, periódicos e congressos científicos. O termo utilizado na busca de banco de dados on-line foi “capital social”. O objeto avaliado no presente estudo são as comunidades de pescadores artesanais de modo geral.

O processo de revisão da literatura busca elaborar uma síntese pautada em diferentes tópicos, capaz de criar uma ampla compreensão sobre o conhecimento. Através desse levantamento se busca o primeiro passo para a construção do conhecimento nesse tema (CRESWELL, 2010).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como um dos aspectos essenciais na inclusão social e produtiva verifica-se o fortalecimento e a utilização do capital social existente nas comunidades, através de iniciativas de produção local, reduzindo a vulnerabilidade da atividade rural às intempéries produtivas, potencializando a capacidade de ação coletiva produtiva, econômica e social (BORTOLINI; SANTOS, 2013).

O francês BOURDIEU (1985) definiu capital social como sendo “o agregado dos recursos efetivos ou potenciais ligados à posse de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas de conhecimento ou reconhecimento mútuo”.

Para BOURDIEU (1985) o conceito retoma ao “caráter” e centra-se nos benefícios que os indivíduos produzem da participação em grupos, assim como a construção de sociabilidades que por consequência geram capital social, em suas afirmações ele coloca “os benefícios angariados por virtude da presença a um grupo são a própria base em que assenta a solidariedade que os torna possíveis”

(BOURDIEU, 1985, p. 249). Dessa forma as redes sociais não ocorrem naturalmente, mas devem ser construídas buscando a institucionalização das relações em grupo podendo se beneficiar através da confiança então adquirida.

Ao longo de toda a sua análise o autor ressalta que todas as formas de capital social se reduzem a uma única, o capital econômico, definido como trabalho humano acumulado. Porém a aquisição de capital social requer deliberado investimento de recursos tanto cultural quanto econômico. Não havendo um processo específico para a conquista de capital social, pois cada lugar desenvolve uma dinâmica própria para desenvolvimento do mesmo (BOURDIEU, 1985).

Embora o capital social esteja baseado na confiança e na cooperação, necessariamente ele por si só não leva a altos níveis de participação e nem a um incremento de desempenho econômico, pois numa comunidade atuam muitos atores e fatores que podem não partilhar dos mesmos valores (DURSTON, 2000).

PUTNAM (2000) em seu livro “Comunidade e Democracia” analisa comunidades de duas regiões distintas da Itália, buscando encontrar elementos nas estratégias de reprodução social que resultam no desenvolvimento de tais regiões. Procurando entender por que determinadas regiões se desenvolvem e outras não. O autor percebe a importância dos laços estabelecidos nas relações sociais e como esses “laços” são a essência no diferencial dos altos índices de capital social entre os membros dessas comunidades (PUTNAM, 2000).

Percebendo que surgem diferentes arranjos entre os indivíduos ou associações que possuem interesses comuns e que a união possibilita maior força diante dos conflitos e das dificuldades.

Para FUKUYAMA (1996), essas relações estão baseadas na confiança, quando uma pessoa está disposta a compartilhar valores e sentimentos, na proporção que aumenta a intensidade da troca aumenta a confiança. Na visão do autor “a necessidade de confiar é tão importante quanto à satisfação de ser igualmente confiável, caso contrário não há cooperação entre as pessoas” (FUKUYAMA, 1996).

Conforme a perspectiva do capital social um desenvolvimento integro resultaria de altos índices de confiança, cooperação e reciprocidade, construídas a partir da capacidade da sociedade em se organizar visando ao bem-estar coletivo e até mesmo proporcionar mecanismos pelos quais se pode superar o atraso e a pobreza.

O trabalho trouxe diferentes perspectivas do capital social, buscando refletir quais delas melhor se encaixam no contexto do desenvolvimento de comunidades de produtores artesanais, evidenciando suas principais características e como elas podem ser adotadas para estudar tais regiões.

4. CONCLUSÕES

O objetivo da pesquisa foi atingido, pois dos diferentes autores citados na revisão de literatura concluímos que todos podem contribuir para estudar o real impacto do capital social no desenvolvimento de comunidades de produtores artesanais, cada um explorando enfoques importantes observados nos diferentes contextos pesquisados.

Como observação importante pode-se concluir que há uma lacuna de estudos abordando o capital social dentro de comunidade de produtores artesanais direcionando pesquisas futuras nesses ambientes.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORTOLINI, G; SANTOS, J.Z.V. Capital Social na Formação de uma Cooperativa Agrícola. In: COTRIM, Décio Souza (Org.). **Gestão de cooperativas: produção acadêmica da Ascar**. Porto Alegre, RS: Emater/RS-Ascar, 2013. 694 p. (Coleção Desenvolvimento Rural, v. 2). Acessado em 10 out. 2017. Disponível em: <http://www.emater.tche.br/site/arquivos_pdf/teses/E_Book2.pdf>.

BOURDIEU, P. **The forms of capital**. Nova Iorque: Greenwood, 1985.

COLEMAN, James. **Foundations of social theory**. Cambridge: Harvard University Press, 1990.

CREWELL, J. W. **Projeto de pesquisa: Método qualitativo, quantitativo e misto**. Porto Alegre: Artmed, 2010. 296p.

DECKER, A. T. **Gestão sócio ambiental da comunidade de Pescadores Artesanais-Colônia de Pescadores Z-3**, 2016. Dissertação (Mestrado em desenvolvimento Territorial e Sistemas Agroindustriais)- Faculdade de Administração, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

DIEGUES, A.C. Pescadores, Camponeses e Trabalhadores do Mar. São Paulo, Atica, 1983.

DURSTON, J. **Que es capital social comunitário?** Santiago do Chile: Cepal, 2000. (Serie de Políticas Sociales).

FUKUYAMA, F. Confiança: as virtudes sociais e a criação da prosperidade. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

PORTES, A. Capital social: Origens e aplicações na sociologia contemporânea. **Sociologia, Problemas e Práticas**, n. 33, p. 133-158, 2000.

PUTNAM, Robert D. **Comunidade de democracia: a experiência da Itália moderna**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000. 260p.

SACCO DOS ANJOS, F.; NIERDELE, P.A.; SHUBERT, M.N.; SCHENEIDER, E.P.; GRISA, C.; CALDAS, N.V. Pesca artesanal e Pluralidade: o caso da colônia Z3 em Pelotas, RS. **Competencia: II Seminário Internacional sobre Desenvolvimento Regional**. Santa Cruz do Sul-RS, 2004. Acessado em 12 ago. 2017. Disponível em: <<http://www.unisc.br/site/sidr/2004/urbano/08.pdf>>.

SILVA, A.F; MEDEIROS, T.H.L; SILVA, V.P. **Pesca Artesanal**. Conflito, cultura e identidade: O Caso Potiguar. UFRN, 2009. Acessado em 10 ago. 2017. Disponível em: <<http://www.cchla.ufrn.br/humanidades2009/Anais/GT40/40.1.pdf>>.

TONDOLO, R. R. P.; BITENCOURT, C. C.; VACCARO, G. L. R. Capital Social organizacional em um projeto interorganizacional: um estudo desenvolvido no terceiro setor. **Revista de Administração UFSM**, Santa Maria, v. 10, n. 1, p. 08-23, 2017.